

# A tela pós-moderna e o *pauvre lisant*: reflexões em torno da diversidade cultural e do declínio da literatura

**Adelaine LaGuardia**

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais;  
Professora Associada de Literaturas em Inglês da  
Universidade Federal de São João Del-Rei.  
*E-mail*: adelaine@ufsj.edu.br.

**Rafaela Kelsen Dias**

Mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela  
Universidade Federal de São João Del-Rei.  
*E-mail*: rafakelsen@gmail.com

Recebido em: 04/09/2014.  
Aprovado em: 16/02/2015.

**Resumo:** Com o advento dos Estudos Culturais a partir da segunda metade do século XX, o olhar acadêmico se lança de modo direto às culturas marginalizadas. Tal atenção passa a ser encarada pelas alas mais conservadoras como verdadeira ameaça a objetos culturais canônicos e também como conivência à lógica capitalista supostamente envolta em muitas produções da intitulada “baixa cultura”. Buscando problematizar tal dilema, especialmente dentro do universo da literatura, o presente artigo analisa como a ascensão da figura que denominamos *pauvre lisant*, concomitante à paulatina descoberta da escrita produzida pelas margens, irá delinear os controversos trajetos percorridos pela literatura em tempos pós-modernos.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Valor cultural. Estudos Culturais. Literatura. Deslocamento.

## The post-modern scene and the *pauvre lisant*: reflections on cultural diversity and the decline of literature

**Abstract:** With the advent of Cultural Studies in the second half of the twentieth century, academic attention has been turned to the marginalized cultures. Such attention is now regarded by the most conservative as a real threat to canonical cultural objects as well as a connivance with the capitalist logic supposedly embedded in many of the productions by the so called “low culture.” By studying this dilemma, especially within the realm of literature, this paper examines how the rise of the figure we call *pauvre lisant*, together with the gradual discovery of writing produced by the margins, outlines the controversial paths followed by literature in postmodern times.

**Keywords:** Postmodernism. Cultural value. Cultural Studies. Literature. Displacement.

## 1 Introdução

Em *O leitor incomum*, primeiro dos ensaios presentes em *Nenhuma paixão desperdiçada*, George Steiner (2001, p. 3) discorre sobre as especificidades do que para ele seria o “leitor verdadeiro”. Segundo o teórico, assim como *Le Philosophe Lisant*<sup>1</sup>, que se veste elegantemente para ler e que entende a leitura como verdadeiro “investimento”, o leitor genuíno é aquele que vislumbra seu encontro com o livro como um “grande evento”, enredado pela mesma cortesia comum entre anfitriões e suas “visitas importantes” (STEINER, 2001, p. 1). Inversamente, jamais alcançaria o status de leitor, no entendimento de Steiner, aquele que lê desprovido de paixão e de expectativa. O não-leitor seria enfim:

[...] aquele que não experimentou o fascínio e a angústia diante de enormes prateleiras repletas de livros não lidos, das bibliotecas à noite que tiveram em Borges seu fabulista. [...] Cada leitor autêntico, no sentido delineado por Chardin, carrega dentro de si a incômoda culpa da omissão, das prateleiras pelas quais passou apressadamente, dos livros cujo dorso seus dedos meramente roçaram em pressa cega (STEINER, 2001, p. 3).

Não surpreendentemente, o mesmo teórico se angustia diante do leitor e da literatura delineados desde a segunda metade do século XX. Para Steiner, esse período é assinalado pelas pressões dirigidas à literatura tanto pelo campo teórico (com fenômenos como o pós-modernismo) quanto pelo advento de novas tecnologias no mercado editorial. De fato, nesse novo cenário, a figura do *Philosophe Lisant*, bem como sua culpa diante da biblioteca mundial, são sobrepostas pela fugacidade e “omissão” do leitor contemporâneo. Resumindo milhares de obras em *kilobites* armazenados em seu *kindle* e trajando-se com jeans, o despojado leitor do século XXI lê ao mesmo tempo em que se conecta às redes sociais e ouve o seu *Ipod touch*. Assim, reflexo do “capitalismo do software” (BAUMAN, 2001, p. 135), esse indivíduo, entendido como *Le Pauvre Lisant* por muitos, não raramente troca o romance pelos blogs, os dogmas pela incerteza e acaba por dar a última rasteira na aura literária (BENJAMIN, 1987a) ao encarar a escrita através do princípio da era moderna: “as coisas [...] ‘valem exatamente o que custam’ [...] e ‘custam o que valem’” (SIMMEL, 1968, p. 52-54 apud BAUMAN, 2001, p. 136, grifos do autor).

Convergente a esse movimento das ruas, na academia os Estudos Culturais respaldam tanto a imagem do leitor pobre quanto as literaturas produzidas por escritores das margens. Todavia, para alguns intelectuais, junto à face capitalista da cultura – já repudiada em meados do século passado por Adorno e Horkheimer (1985) –, essa acolhida do leitor e da escrita “comuns” antecipa o derradeiro suspiro da literatura. Logo, conforme reflete Antoine Compagnon (HEC PARIS, 2012), na atualidade, em que o próprio ensino superior é visto como “negócio” e em que as “competências”, o “*savoir faire*”, são os pilares de todas as disciplinas, é inevitável questionar: qual é a relevância da literatura? Será ela suficiente para ajudar-nos “a travessar a rua?”<sup>2</sup> (HEC PARIS, 2012, tradução nossa). Mais especificamente, em um contexto no qual os Estudos Culturais tomam a literatura como uma dentre tantas manifestações da cultura, surge a incerteza: “Quais os valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? [...] Há realmente coisas que só [...] [ela] pode nos oferecer?” (COMPAGNON, 2009, p. 20).

Buscando refletir sobre essas questões, este artigo delinea alguns dos espaços ocupados pela literatura na contemporaneidade e argumenta sobre o papel desempenhado pelos Estudos Culturais para alocação da arte literária em renovados espaços de produção, recepção e crítica intelectual. Para isso, primeiro revisam-se perspectivas históricas em torno do poder da literatura e, por fim, analisa-se como tais perspectivas são aplicadas ou descartadas com o advento da contemporaneidade e a disseminação dos Estudos Culturais. Basicamente, o que se pretende discutir ao final do artigo é se, ao descer de seu lugar elevado e tornar-se objeto e auxílio da crítica da cultura, a literatura começa a escrever ela mesma o seu obituário. Ao refletir sobre tais apontamentos este estudo se vale das considerações de autores como Compagnon (2009), Todorov (2009), Piglia (2012), Said (1990), Spivak (2010), Bhabha (1998), Santiago (2004), entre outros.

## 2 A literatura enquanto poder

De acordo com Antoine Compagnon (2009), as noções sobre o poder da literatura podem ser divididas, basicamente, em três momentos históricos. A primeira dessas concepções seria uma visão clássica, dada nos tempos de Aristóteles. A literatura, segundo essa perspectiva, sustentaria a dupla função de deleitar e educar moralmente. Conforme

argumenta Compagnon (2009, p. 30.), “[é] graças à *mimesis* [...] que o homem aprende, ou seja, pelo intermédio da literatura entendida como ficção”. Assim, guiar pelos exemplos e representações, fazendo da narrativa um momento agradável para o ouvinte/leitor, seria, segundo esse primeiro entendimento, o maior poder da literatura.

A segunda definição histórica, por sua vez, remontaria ao Século das Luzes. Sob tal olhar, a dupla função pedagógico-deleitante da literatura é ofuscada pelo surgimento de uma outra aplicação: a literatura como remédio. Mais do que a escrita/ “*pharmakon*” *lato sensu* e seu poder de facilitar a rememoração (DERRIDA, 2005) – a literatura enquanto remédio seria o meio capaz de “libertar o indivíduo de sua sujeição às autoridades [...] [e de] protegê-lo, em particular, do obscurantismo religioso” (COMPAGNON, 2009, p. 33). Claramente, essa segunda concepção de literatura, inspirada em conceitos como “justiça” e “autonomia” (COMPAGNON, 2009, p. 33-34), pauta-se na necessidade de seus formuladores de distanciarem-se dos dogmatismos e dos moralismos impostos pela sociedade da época.

Finalmente, a terceira versão do poder literário, no pensamento de Compagnon, irá conceber a sexta arte como instrumento capaz de “corrigir os defeitos da linguagem” (COMPAGNON, 2009, p. 37). De acordo com essa visão, sustentada especialmente na modernidade, a literatura teria a competência de transpor as limitações da linguagem comum. Assim, conforme o autor, corrompendo e ressignificando a palavra ordinária, a literatura institui o seu poder de expressar o inominável ao mesmo tempo em que nos ensina sobre os ardis da língua e dos variados discursos. Conforme aponta Compagnon (COMPAGNON, 2009, p. 40), ao retomar Roland Barthes (2007, p. 16), “só a literatura, trapaceando com a língua, trapaceando a língua, [salva] a língua do poder e da servidão”.

Seguindo essas três concepções, o estudioso aponta ainda a existência de um quarto poder, que, ao que tudo indica, refere-se ao período de vigência do Estruturalismo. De acordo com o autor, frente aos usos nem sempre idôneos das potencialidades da literatura, os pensadores dessa corrente optaram por outra forma de poder que seria, na realidade, uma espécie de não-poder literário. A partir de então, tentava-se fazer a defesa “[...] do impoder, do despoder, ou do fora do poder, como desautorização de qualquer aplicação social ou moral, do menor valor de uso da literatura e como afirmação de sua neutralidade absoluta.” (BARTHES, 2007, p. 41).

Teóricos posteriores ao pensamento estruturalista, como Tzvetan Todorov e o próprio Antoine Compagnon, opõem-se claramente ao entendimento da literatura isolada de sua função social. Na realidade, refletindo a tônica do pensamento intelectual contemporâneo, tais autores constantemente ratificam o poder transformador da arte e o seu valor para o amadurecimento do indivíduo e o avanço da sociedade. Para Compagnon (2009, p.47), a “[...] literatura deve [...] ser lida e estudada porque oferece um meio [...] de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida.”

Todorov (2009, p. 92-93), por sua vez, destaca que, como “[...] o objeto da literatura [é] a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.”

Notadamente, tal opção pela aura social e formadora da arte vem usualmente acompanhada pela preocupação acerca da perda de sua sublimidade. Assim, com o fim de privilegiar a arte frente a outras entidades que provocam reflexão social, constantemente propagam-se discursos em torno da singularidade e do caráter mágico das produções artísticas:

[...] quer a arte apazigúe ou desperte, quer projete sombras ou crie luz, ela nunca é uma descrição clínica da realidade. A sua função é sempre comover o homem total, permitir ao ‘Eu’ identificar-se com a vida dos outros, apropriar-se daquilo que ele não é e que, não obstante, é capaz de ser. [...] A arte é necessária a fim de que o homem possa conhecer e transformar o mundo. Mas é igualmente necessária em virtude da magia que lhe é inerente. (FISHER, 1963, p.17-18, grifo do autor).

Insistindo então na magnificência da arte sem, contudo, ignorar a sua relevância para o esclarecimento e engajamento social, Fisher (1963) indiretamente lança, na segunda metade do século XX, uma questão extremamente atual para a crítica literária: poderiam magia e política conviver como atributos da literatura? De forma mais direta, a opção por um olhar mais humano e sócio-político diante da escrita (como o fazem os representantes dos Estudos Culturais) significa, necessariamente, uma ameaça ao valor da literatura enquanto arte? A fim de pensar tais questões, a seção seguinte delinea

as interferências da popularização dos Estudos Culturais na manutenção do poder da literatura, seja ele pedagógico, emancipatório, transgressor ou simplesmente de encantamento.

### 3 Uma expressão cultural a mais ou uma bela arte a menos?

Os Estudos Culturais, um campo de estudos surgido na segunda metade do século XX, tem como um de seus nortes as “políticas da diferença – racial, sexual, cultural, transnacional” (MANI, 1992, p. 392, tradução nossa). Assim, em razão da pluralidade de seu objeto, tal campo de estudos passa por duas peculiaridades. Primeiramente, há nos Estudos Culturais a falta de uma metodologia específica. Nas palavras de Grossberg *et al.* (1991, p. 2, tradução nossa), por valer-se de metodologias diversas, advindas de distintos campos do saber, os procedimentos adotados pelos Estudos Culturais acabam por aproximar-se a algo como o processo de “bricolagem”<sup>4</sup>. Em segundo lugar, tal campo caracteriza-se pela utilização da produção intelectual de diversas áreas, tais como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a história e, de forma recorrente, a literatura.

Consequentemente, enquanto área que não pretende ser “simplesmente uma crônica da mudança cultural, mas uma intervenção sobre a mesma”<sup>5</sup> (GROSSBERG *et al.*, 1991, p. 5, tradução nossa), os Estudos Culturais não raramente implicam também uma revisão dos diversos suplementos intelectuais dos quais se vale. De forma singular, baseados especialmente nas teorias de Michel Foucault acerca dos construtos discursivos, tais estudos têm entendido campos com certo status axiomático, como a História, com uma postura desmistificadora. A partir dessa perspectiva, tanto os *atos históricos*, como as tradições que ajudam a identificar os grupos sociais, são passíveis de serem tomados como simples “invenções” (HOBSBAWM, 1984). Mais especificamente, os representantes dos Estudos Culturais procuram pensar discursos socialmente legitimados, como o histórico, enquanto “ficções verbais” (WHITE, 2001, p. 97).

Ao dirigirem-se à literatura, por sua vez, os Estudos Culturais não pretendem simplesmente desvelar a atmosfera fictícia do produto literário, o que já é um dado assumido (COMPAGNON, 2009),

mas procuram restabelecer a sua “inserção sociocultural”, dificultada durante a vigência do estruturalismo (BORDINI, 2006, p.14). Tal retomada do texto literário como objeto para reflexão social e cultural virá enredada de uma crítica fortemente política com relação aos elementos éticos que perpassam cada obra analisada. De forma específica, a postura engajada (DURING, 2005) desse novo olhar irá tomar a literatura como um dos espaços em que a diferença é, ao mesmo tempo, depreciada e promovida.

Primeiramente, enquanto *locus* que reflete a aversão e a mistificação da diferença, a literatura ajudará a evidenciar como o eu hegemônico (homem, branco, ocidental) constrói a identidade do outro social e impõe tal construto como verdade. Assim, sob o olhar dos Estudos Culturais, é ressaltada a maneira como as produções literárias ratificam, por exemplo, versões acerca da hostilidade do Oriente (SAID, 1990), da hipersexualidade negra (McCLINTOCK, 1995) e da incapacidade de autodiscernimento e autodefesa feminina (SPIVAK, 2010)<sup>5</sup>. Coerentemente, essa evidenciação da escrita literária enquanto palimpsesto ético e moral irá convocar a responsabilidade dos intelectuais que discorrem sobre a história da humanidade (ou sobre os objetos que retratam tal história): “[...] se lembrarmos que o estudo da experiência humana tem uma consequência ética, para não dizer política, no pior ou no melhor sentido, não ficaremos indiferentes ao que fazemos como estudiosos.” (SAID, 1990, p. 331).

Por outro lado, para os Estudos Culturais, a literatura, enquanto espaço em que a diferença se inscreve, irá possibilitar a propagação da fala das minorias em seus mais diversos grupos: os pobres do terceiro mundo chamados a transformar-se em mão de obra no “espetáculo grandiloquente do pós-moderno” (SANTIAGO, 2004, p. 51); o sujeito encurralado na “meia passagem” das nações modernas (BHABHA, 1998, p. 199); os indivíduos, enfim, que procuram ter reconhecida sua dignidade humana ao lado de sua orientação sexual, sua etnia, seu gênero, sua classe, sua nacionalidade<sup>6</sup>. Entretanto, a premissa dos Estudos Culturais não é simplesmente legitimar ou traduzir como *Verdade* a literatura produzida pelas margens. Na realidade, a escuta dessas vozes marginais irá quase sempre acontecer numa análise comparativa com as falas do centro, procurando-se evidenciar as múltiplas formas de conceber a “realidade” e, simultaneamente, buscando-se combater aquelas concepções instauradas como normas:

Não se trata de uma descrição de ‘como as coisas realmente eram’ ou de privilegiar a narrativa da história como imperialismo como a melhor versão da história. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas. (SPIVAK, 2010, p. 67, grifo do autor).

Percebe-se assim que, de fato, especialmente através da mediação dos Estudos Culturais, há valores os quais a literatura pode transmitir ao mundo atual. Num mundo cada vez mais fragmentado, em que a “identidade torna-se uma ‘celebração móvel’” (HALL, 2006, p. 11, grifo do autor), a literatura pode ajudar, de forma singular, a combater quaisquer doutrinas essencialistas e totalizantes. Paralelamente, enquanto testemunho e comprovação da diversidade cultural, o texto literário pode também sugerir “a noção implícita de começo, não apenas de final – os fins da história, dos grandes relatos, como se diz – mas algo que começa, que abre caminho” (PIGLIA, 2012 p. 270). Nesse novo caminho, em que há a “relativização dos paradigmas teóricos” (SOUZA, 2002, p. 14) e em que vozes ainda desconhecidas começam a se manifestar, a literatura mostra-se capaz de se renovar e apresentar a si própria não apenas como pedagogia e fonte de libertação e encantamento, mas como ícone de valores que podem ser modificados ou assumidos pelo homem contemporâneo.

Obviamente, tal reformulação fatalmente continuará a ser vista com cautela pela ala conservadora da crítica literária. Para esta, o esmaecimento dos parâmetros de análise especificamente literários e o acolhimento da chamada “baixa literatura” afetarão diretamente a sobrevivência da escrita e de sua estética (PERRONE-MOISÉS, 1996). Não se pode negar, é claro, a pertinência de tal angústia. Afinal, independentemente da ação dos Estudos Culturais, a atividade capitalista e a produção massiva da indústria cultural têm dificultado a concepção e o prestígio da literatura. Por outro lado, não se pode deixar de ressaltar que a resistência à ampliação da literatura enquanto conceito e objeto de análise revela também uma “posição elitista” a favor da reativação de antigos poderes hegemônicos em torno da arte da escrita (SOUZA, 2002, p. 16).

Dessa forma, mesmo entre os rumores de crise, mesmo que não se possa deixar de notar os arranhões no que antes era uma bela face, pode-se afirmar que a literatura ainda é capaz de justificar a sua existência. Para além disso, se considerarmos que hoje prolifera-se a

consciência de que as “histórias podem ferir a dignidade de um povo, mas podem também reparar essa dignidade danificada”<sup>7</sup> (ADICHIE, 2009, *online*, tradução nossa), podemos nos arriscar a dizer que é hoje o espaço-tempo em que a literatura melhor comprova o seu porquê. A literatura paga, conquanto a “longo prazo”<sup>8</sup>, o investimento que nela se fizer (HEC PARIS, 2012, tradução nossa). Sendo assim, neste momento ímpar em que proliferam os *pauvres lisant*, os “bárbaros [...] no bom sentido” (BENJAMIN, 1987b, p. 119), poucas entidades poderão, assim como o pode a literatura, pagar, com a moeda da dignidade esperada por Benjamin (1987b), a massa submetida não simplesmente à alienação cultural, mas principalmente à intolerância humana.

#### 4 Considerações finais

Ao longo deste artigo delineamos o perfil do leitor contemporâneo, bem como a convergência desse sujeito com a instauração do ritmo frenético do capitalismo tardio e de suas produções descartáveis (HARVEY, 2007). Abordamos também a ansiedade gerada em parte do meio acadêmico pela proliferação desse novo leitor e pela literatura produzida por seus pares. Paralelamente, destacamos a ação dos Estudos Culturais na propagação das escritas das margens e na reconfiguração do papel da arte literária em sociedade. Junto a essa renovação do “porquê” da literatura, finalmente, discutimos a argumentação da crítica literária comparatista contra a redução de seu objeto de estudo a apenas mais uma “forma de cultura”.

Ao tratar de todos esses paradigmas enfrentados pela literatura na contemporaneidade, pudemos constatar que, ao contrário de muitos diagnósticos desfavoráveis, a arte da escrita não se converteu em “letra morta” em tempos pós-modernos. Na realidade, o que perdeu o seu prestígio foi tão somente a interpretação da literatura enquanto elemento única e simplesmente estético. A escrita mudou. Há tempos deixou de ser privilégio do gênio iluminista e cada vez mais se entrega ao homem comum, ao escritor de *jeans*. Hoje, tomada pelas altas tecnologias e já convertida em pelo menos cinco das seis propostas de Ítalo Calvino (1990) para este milênio (leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade)<sup>9</sup>, acreditamos que somente ao insistir na inclusão do “distanciamento” e do olhar marginal

(PIGLIA, 2012) é que a literatura consolidará a sua perspectiva de sobrevivência futura e conseguirá provar sua pertinência na beleza caótica da tela pós-moderna.

## Notas

- 1 Referência à tela de Jean Siméon Chardin de 1734.
- 2 No original: “[...] à traverser la rue.”
- 3 No original: “bricolage”.
- 4 No original: “[...] not simply as a chronicle of cultural change but as an intervention in it [...]”
- 5 Como exemplos de pesquisas que analisam o repúdio à diferença na literatura, ler: MONTEIRO, J. L. O branco no preto: as negras expressões de racismo na Literatura Brasileira. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 9, n.14, p. 141-162, 2002, e ASSIS, A. C. M. **A misoginia medieval como resíduo na Literatura de Cordel**. 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- 6 Um claro exemplo de estudo que promove um tipo específico de literatura desprestigiada – a afro-brasileira – é a antologia organizada por Eduardo Duarte e Maria Nazareth Fonseca, *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, publicada pela editora UFMG, em 2011.
- 7 No original: “Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity.”
- 8 No original: “à long terme.”
- 9 “Consistência” seria a sexta proposta. Deve-se lembrar que Calvino faleceu antes de concluir a redação do texto referente à mesma.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. Palestra disponibilizada em 7 de outubro de 2009. The danger of a single story. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido A. Almeida Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos Culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, set. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/610/441>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, Antoine. Palestra disponibilizada em 20 de novembro de 2012. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=W1Q66ZA\\_Bv0](http://www.youtube.com/watch?v=W1Q66ZA_Bv0)>. Acesso em: 19 jan. 2014.

COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?** Tradução Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DURING, Simon. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Cultural studies**: a critical introduction. New York: Routledge, 2005

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução Orlando Neves. Lisboa: Editora Ulisseia, 1963.

GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A. Cultural studies: an introduction. In: \_\_\_\_\_. **Cultural studies**. New York: Routledge, 1991.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). Introdução: a invenção das tradições. In: \_\_\_\_\_. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MANI, Lata. Cultural theory, colonial texts: reading Eyewitness Accounts of Widow Burning. In: GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A. **Cultural studies**. New York: Routledge, 1991.

McCLINTOCK, Anne. The lady of the land. In: \_\_\_\_\_. **Imperial leather**: race, gender and sexuality in the colonial context. New York: Routledge, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 ago. 1996. Caderno Mais!, p. 9.

PIGLIA, Ricardo. Uma nova proposta para o novo milênio. **Gratuita**, Belo Horizonte, v.1, p. 269-273, dez. 2012.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. O não-lugar da literatura. In: \_\_\_\_\_. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina G. Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEINER, George. O leitor incomum. In: \_\_\_\_\_. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <<http://filosofia.ufsc.br/files/2013/04/George-Steiner-O-Leitor-Incomum1.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2014

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: \_\_\_\_\_. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a Crítica da Cultura. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.